

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Por soberania na campanha, Lula finge não ver Rubio

Não interessa ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) transformar em crise diplomática suas diferenças com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Por isso, oficialmente o Palácio do Planalto nega que Lula tenha evitado de propósito cumprimentar o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, durante a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU).

Lula até gostaria de um encontro, mesmo que rápido, como ocorreu na ONU em 2025, quando Trump chegou a dizer que houve uma “química excelente” entre os dois. A Chancelaria do Brasil mandou sinais nessa direção à contraparte dos EUA, mas não recebeu resposta positiva. Nada, nem um sinal. E ambos estiveram muito próximos.

Os dois presidentes ficaram por alguns minutos em uma antessala que fica atrás da tribuna do plenário, em que os chefes de Estado aguardam sua vez de fazer o discurso. Trump e Lula permaneceram por alguns minutos ao mesmo tempo nessa área, em pequenas salas diferentes enquanto discursava o presidente da Assembleia Geral, Khalilur Rahman, de Bangladesh. Mas não se encontraram.

O presidente brasileiro atribui a Marco Rubio a decisão de não permitir o encontro, já que o secretário de Estado tem planos, segundo os petistas, de interferir na eleição do Brasil. Não o fez até agora porque Trump vê risco de Lula vencer a eleição e, neste caso, pretende manter

negociações com o país nos dois últimos anos de seu mandato.

Embora não morra de amores pelo Brasil, Marco Rubio foi filmado tentado se aproximar do presidente brasileiro. Praticamente tocou o ombro de Lula em meio a um amontoado de autoridades. Mas Lula passou rapidamente os olhos em sua direção e voltou-se para o outro lado, enquanto o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, apenas cumprimentou o norte-americano com o olhar. Veira protegeu o presidente com o corpo e ambos seguiram em frente.

Para o Palácio do Planalto, foi uma decisão acertada evitar a aproximação do secretário de Estado. Rubio poderia estar montando uma cena de encontro com Lula que pudesse ser usada pela oposição no Brasil.

Mas também não interessava à equipe de Flávio Bolsonaro (PL) usar essas imagens. Há dúvidas entre bolsonaristas se atraindo votos ligar o candidato a tentativas de interferência estrangeira nas nossas eleições.

O candidato à presidência Renan Santos e seu partido, o Missão, protocolaram nesta quarta-feira, 23, no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) um documento apontando cinco publicações favoráveis a Flávio Bolsonaro nas redes sociais patrocinadas por contas no exterior que, apesar de originadas fora do país, foram veiculadas de forma paga e direcionadas ao público brasileiro.

A representação pede a retirada das publicações e o bloqueio de anúncios da plataforma Polymarket relacionados à eleição. Segundo o Missão, os perfis têm cerca de 8 milhões de seguidores. Teriam feito, entre os dias 20 e 21 de setembro, publicações identificadas pela rede social como parcerias pagas direcionadas a usuários brasileiros.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

Voto útil e o risco de Lula

O eventual voto útil em Flávio Bolsonaro (PL) coloca em xeque a estratégia do presidente Lula de insistir para que sua candidatura à reeleição fosse a única de partidos com alguma representatividade no campo da esquerda e centro-esquerda, PSB, PDT e Psol/Rede (PCdoB e PV fazem parte da mesma federação do PT).

Com base no caráter plebiscitário que tem marcado as eleições presidenciais, o petista apostou pesado em uma vitória no primeiro turno — para ganhar de cara, um candidato precisa ter, pelo menos, um voto a mais que a soma dos adversários. Assim, qualquer outro nome do campo progressista poderia colaborar para o adiamento do triunfo.

A imposição por Jair Bolsonaro de seu primogênito como candidato parecia confirmar o acerto da decisão lulista, que passou a contar com a rejeição ao clã para sair vitorioso no 4 de outubro.

Mas o presidente tem rejeição semelhante à do seu principal opositor, que conta com maior afinidade ideológica com os demais candidatos ao Planalto: todos, com diferentes gradações, estão do lado direito do espectro político.

Isso, porém, não quer dizer que quase todos os votos de Augusto Cury, Renan Santos, Ronaldo Caiado e Romeu Zema irão para Flávio Bolsonaro de maneira automática. Apesar de toda a radicalização ocorrida nos últimos anos, há outras questões levadas em conta pelo eleitor para definir seu voto, razões que não se limitam aos

conceitos de esquerda e direita.

Pesquisas indicam que entre os cidadãos que, no primeiro turno, optarem pelos tais quatro candidatos, a parcela dos dispostos a migrar para Flávio é bem maior do que a disposta a apoiar Lula.

Como eleição é algo dinâmico, o presidente teria, neste caso, três semanas para convencer parte desses eleitores. O problema, para ele, é se um grande percentual dos simpatizantes de Cury, Renan, Caiado e Zema atenderem ao apelo da campanha do PL e resolverem, desde já, votarem em Flávio.

A tendência de esvaziamento das quatro candidaturas foi detectada pela pesquisa AtlasIntel divulgada ontem: em relação à anterior, a soma das intenções de voto no grupo caiu 2,6 pontos percentuais, de 11,4% para 8,8%. A eventual comprovação dessa tendência tem o potencial de complicar a vida do petista, até porque os apelos ao chamado voto útil tendem a aumentar nos próximos dez dias. Em tese, uma antecipação de voto no petista seria menos provável.

Em 2022, a última pesquisa Datafolha publicada antes do primeiro turno apontava que os candidatos do segundo escalão tinham 13% das intenções de voto: eles receberam 8,37%. Há eleitores que encaram as urnas como um jogo, que não aceitam “perder voto”.

A abstenção, que tende a se concentrar entre cidadãos mais pobres, também impacta no resultado, ainda mais quando pesquisas dão grande vantagem ao petista neste grupo. Lula, que começou a campanha mirando uma vitória antecipada, agora tem que se preocupar com o risco de desastre.

EDITORIAL

O legado de Guterres e os desafios da ONU

Antônio Guterres chega ao fim de seus dez anos à frente das Nações Unidas deixando um legado marcado por avanços importantes, mas também por limitações que não podem ser atribuídas exclusivamente ao secretário-geral. Seu mandato termina em 31 de dezembro, em um momento em que a própria capacidade da ONU de responder às grandes crises internacionais é colocada à prova.

Entre os pontos positivos de sua gestão está a defesa persistente do multilateralismo em uma década marcada pelo aumento das disputas entre as grandes potências. Guterres deu destaque à crise climática, aos direitos humanos, à defesa dos refugiados e à necessidade de fortalecer a cooperação internacional. Também procurou modernizar o sistema de desenvolvimento das Nações Unidas e ampliar a coordenação entre suas diferentes estruturas.

Na reta final do mandato, incorporou à agenda temas que serão decisivos para o futuro, como a regulamentação da inteligência artificial, além de insistir na reforma do Conselho de Segurança. Guterres também deixa como marca a defesa de uma representação internacional mais compatível com a realidade atual, incluindo maior presença da África nas estruturas decisórias da organização.

Mas o balanço também expõe dificuldades. As guerras na Ucrânia, no Oriente Médio, no Sudão e em outras regiões demonstraram os limites de uma instituição cujo poder depende, em grande medida, da disposição política de seus Estados-membros. O Conselho de Segurança continuou submetido às divergências entre seus integrantes permanentes, enquanto a redução do apoio financeiro e político de algumas grandes potências aumentou a pressão sobre a estrutura da ONU.

O próximo secretário-geral receberá, portanto, uma organização diante de uma encruzilhada. Terá de recuperar a confiança no multilateralismo, melhorar a capacidade de mediação de conflitos, enfrentar o financiamento insuficiente, acelerar a reforma institucional e encontrar mecanismos para governar tecnologias como a inteligência artificial. Precisarà ainda conciliar interesses de potências que disputam influência em um mundo cada vez mais multipolar.

Mais do que administrar uma burocracia internacional, o próximo ocupante do cargo terá de reconstruir pontes entre países que perderam a disposição para negociar. O desafio será fazer com que a ONU volte a ser percebida não apenas como fórum de discursos, mas como instrumento capaz de produzir acordos, proteger populações vulneráveis e responder a crises globais.

O legado de Guterres mostra que a organização continua necessária. As dificuldades de seu mandato, porém, revelam que a sobrevivência e a relevância da ONU dependerão menos de um único secretário-geral do que da disposição dos países-membros de devolver força ao diálogo, à cooperação e às instituições multilaterais.

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher

CLÁUDIO MAGNAVITA

redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO

Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

BRASÍLIA

ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO

Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal